



Universidade de Aveiro Departamento de Educação  
2011

**DAYANA MARQUES  
FEITEIRA**

**A PERCEÇÃO DE CARAS EM ADOLESCENTES  
COM ANSIEDADE SOCIAL**



**DAYANA MARQUES  
FEITEIRA**

**A PERCEPÇÃO DE CARAS EM ADOLESCENTES  
COM ANSIEDADE SOCIAL**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro e co-orientação da Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

*“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”*

*Fernando Pessoa*

**o júri**  
presidente

**Professor Doutor Carlos Fernandes da Silva**  
professor catedrático da Universidade de Aveiro

**Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo**  
professor auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

**Professora Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos**  
professora auxiliar convidada da Universidade de Aveiro

**Professora Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos**  
professora auxiliar convidada da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Embora a realização de uma dissertação seja um processo individual a que cada aluno está sujeito, reúne o contributo de várias pessoas, sem o qual não seria possível realizar uma investigação. Assim, este espaço é dedicado a todos aqueles que deram a sua contribuição para que esta dissertação fosse realizada. Assim, quero expressar o meu eterno agradecimento ...

- à Professora Doutora Isabel Santos, por se ter disponibilizado para orientar este trabalho de investigação. A sua ajuda, sugestões e horas dispendidas foram essenciais para desenvolvimento e aperfeiçoamento do meu trabalho;
- à minha co-orientadora, Professora Doutora Paula Vagos, que se mostrou sempre disponível para clarificar qualquer dúvida que me surgisse, disponibilizando toda a sua atenção e auxílio quando necessário;
- à Escola Básica 2º e 3º Ciclo Dr. João Rocha Pai que me acolheu de portas abertas, disponibilizando toda a ajuda necessária bem como criando um ambiente acolhedor que tão bem me fez sentir; em particular à Professora Otilia Bola, por toda a paciência e dedicação que mostrou a tratar de todos os parâmetros legais para me que fosse possível aplicar este trabalho de investigação na escola e pelo acompanhamento pessoal em todas as fases de aplicação do meu trabalho;
- à Escola Secundária de Vagos, aos seus vários professores e alunos que com a sua simpatia mostraram interesse em participar e conhecer um pouco mais deste trabalho de investigação, assim como, pelos minutos (por vezes, longos) dispensados para preenchimento dos questionários e aplicação das tarefas;
- aos meus pais, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, honestidade, confiança e responsabilidade;
- aos meus amigos, que são a coisa mais especial que existe no mundo, que me apoiaram com todo o entusiasmo, preocupação e carinho necessários para continuar sempre e sempre, mesmo nos momentos maus;
- aos meus colegas de curso e me forneceram as suas valiosas dicas, sugestões e críticas;
- à Universidade de Aveiro, em particular, a todos os meus professores pela forma como leccionaram e por estarem sempre disponíveis para qualquer dificuldade me surgisse;
- enfim, a todas as pessoas que me estimularam, intelectual e emocionalmente, para a realização desta dissertação, o meu profundo e sentido agradecimento.

**palavras-chave**

*Expressões faciais, emoções, características sociais, ansiedade social e adolescência.*

**resumo**

O presente trabalho pretende estudar a associação entre a ansiedade social e o processamento de características sociais e emocionais em faces. A análise destas características segundo as diferentes fases da adolescência constitui o ponto inovador deste trabalho de investigação.

Para isso participaram 135 jovens com idades compreendidas entre os 10 aos 18 anos de idade representando as diferentes fases da adolescência (adolescência inicial, adolescência intermédia e adolescência tardia), de duas escolas públicas do concelho de Vagos. Foi aplicado um protocolo de avaliação constituído por dois instrumentos (a Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes e a Escala de Crenças e Pensamentos Sociais) e duas tarefas (processamento de características sociais e emocionais em faces). Estes dois instrumentos visam avaliar sintomas emocionais, comportamentais e cognitivos associados à ansiedade social.

Os resultados obtidos indicam que a ameaça aparece como a característica social mais evidenciada, o que nos indica que os indivíduos socialmente ansiosos esperam reacções negativas dos outros representando-os, à priori, como julgadores e/ou superiores, percebendo, desta forma, a autoridade, dominância e ameaça com maior intensidade. Deste modo, este resultado vem de encontro ao esperado, uma vez que a ameaça é sinal de perigo para o próprio indivíduo socialmente ansioso, enquanto que o outro é visto como mais superior e competente.

**keywords**

*Facial expressions, emotions, social characteristics, social anxiety and adolescence.*

**abstract**

The present work aims to study the association between social anxiety and the processing of social and emotional characteristics in faces. The analysis of these characteristics according to different stages of adolescence, builds the innovating theme of this research work.

For that, 135 young people participated, with age comprehended between 10 and 18 years old, representing the different stages of adolescence (early adolescence, middle adolescence and late adolescence), from two public schools from the municipality of Vagos. An evaluation protocol was applied, and it consisted in two instruments (The Anxiety Scale and the Avoidance of Social Situations for Teenagers and the Scale of Beliefs and Social Thoughts) and two tasks (processing social and emotional characteristics in faces). These two instruments aim to evaluate emotional, behavioral and cognitive symptoms related to social anxiety.

Our results show that the threat seems to be the most evidenced social characteristic, which means that the individuals that are socially anxious expect negative reactions from others, representing them, beforehand, as judges and/or superiors, this way perceiving the authority, dominance and threat with greater intensity. So this result meets the expectations, given that the threat is a sign of danger for the socially anxious individual, while the other is perceived as a superior and more competent individual.

## ÍNDICE

---

Introdução	1
Metodologia	7
Participantes	7
Materiais	7
Procedimentos	10
Resultados	12
Amostra total	12
Adolescência inicial	13
Adolescência intermédia	13
Adolescência tardia	13
Discussão	15
Conclusão	19
Referências bibliográficas	20
Anexos	23



## ÍNDICE DE TABELAS

---

<b>Tabela 1.</b> Correlações significativas entre a percepção de características sociais e as medidas de ansiedade social para a amostra total.	<b>12</b>
<b>Tabela 2.</b> Correlações significativas entre a percepção de emoções e as medidas de ansiedade social para a adolescência intermédia.	<b>13</b>
<b>Tabela 3.</b> Correlações significativas entre a percepção de características sociais e as medidas de ansiedade social para a adolescência tardia.	<b>14</b>

## INTRODUÇÃO

---

A ansiedade social é definida como o medo marcado e persistente sentido antes, durante ou depois da vivência de situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo acredita poder estar a ser avaliado, julgado e/ou observado pelos outros (Vagos, 2011). Todavia, apesar da experiência de graus ligeiros de ansiedade em situações sociais ser frequente num grande número de indivíduos, não impedindo o seu funcionamento social adequado, facto é que em alguns indivíduos, a ansiedade experimentada nestas situações é tão elevada que interfere com o funcionamento social e em alguns casos conduz mesmo ao evitamento dessas situações. Quando isto acontece estamos perante uma fobia social (também denominada de ansiedade social), em que o receio de ser avaliado negativamente, de parecer ridículo, desajeitado, tolo, de não estar à altura da situação e ver o seu estatuto pessoal diminuído desperta graus tão elevados de desconforto e medo, que a vida diária fica severamente limitada (Pinto-Gouveia, 2000).

Muitos autores acreditam que é durante a infância e a adolescência que a ansiedade social se desenvolve. A infância é um período crucial no desenvolvimento social, pois é nesta fase que as crianças aprendem a interagir com os pares, desenvolver a compreensão emocional e negociar situações sociais, sendo que é este desenvolvimento que prepara as crianças para futuros sucessos nas relações entre pares (Denham et al., 2003; cit. in Ale, Chorney, Brice & Morris, 2010). De facto, Furmark (2002; cit. in Vagos, 2011) considera que o desenvolvimento da ansiedade social tem início na infância. Para Beidel (1998; cit. in Vagos, 2011) a fase da adolescência é aquela em que poderá ganhar maior intensidade. Para Albano (2003; cit. in Cunha, 2005) a ansiedade social aumenta entre o início e o meio da adolescência através da emergência de processos cognitivos complexos. La Greca (2001; cit. in Cunha, 2005) corrobora esta ideia afirmando que é nesta fase que a aprovação do grupo de adolescentes se torna essencial e a exclusão ou rejeição pelo grupo de pares é vivida com intensa sensibilidade. Cunha (2006), reforça esta ideia, afirmando que é na adolescência que a aceitação pelos grupos de pares se torna mais importante, sendo aqui que os adolescentes se consciencializam da importância das impressões que podem causar nos outros. Neste sentido, investigações recentes têm consolidado a ideia que esta é a fase mais vulnerável para o desenvolvimento desta problemática (Beidel,

1998; Elizabeth, et. al., 2004; Emeriaud, 2006; Inderbitzen, Walters & Bukowski, 1997; Kashdan & Herbert, 2001; Levpuscek, 2004; Pinto-Gouveia, 2000).

Sendo a adolescência um período de desenvolvimento relativamente longo, diferentes fases da adolescência parecem associar-se a expressões distintas de ansiedade social. Por exemplo, na adolescência inicial (10 aos 14 anos) predomina o medo cognitivo de se ser avaliado de forma negativa, especialmente, por pares do sexo oposto. Na adolescência intermédia (15 e 16 anos) assiste-se, especialmente, a uma inibição e stress social (Cunha, 2005; Levpuscek, 2004 cit. in Vagos, 2011). Por fim, na adolescência tardia (17 e 18 anos) ocorre uma diminuição dos sintomas, principalmente, no sexo feminino (Neal & Edelmann, 2003 cit. in Vagos, 2011). De um modo geral, crianças e adolescentes com ansiedade social referem desconforto em inúmeras situações, como: falar na sala de aula, comer na cantina, ir a festas, usar casas-de-banho públicas ou dirigir a palavra a figuras de autoridade (Castilho, Recondo, Asbahr & Manfro, 2002). Assim, a interação social de ansiosos sociais parecem sofrer interferência.

Neste sentido, as investigações realizadas no âmbito do processamento de expressões faciais em indivíduos socialmente ansiosos têm-se mostrado pertinentes. De facto, o rosto humano é o sinal social que mais facilita o processamento de preconceitos em indivíduos socialmente ansiosos (Foa et al., 2000 cit. in Sousa et al., 2010) que relatam uma enorme dificuldade em estabelecer contacto visual com outros (Hermans & Van Honk, 2006; cit. in Bell et al., 2011) pois estão preocupados com o quanto pode ser humilhante ou constrangedor estar sob o escrutínio dos outros (Isolan, Pheula & Manfro, 2007; Osório, Crippa & Loureiro, 2005; Simonian, Beidel, Turner, Berkes & Long, 2001; APA, 1994; cit. in Staugaard, 2010).

O indivíduo socialmente ansioso receia adoptar comportamentos que possam vir a ser avaliados negativamente pelos outros indivíduos com quem está a interagir, levando-o a sentir-ser embaraçado, fracassado, rejeitado e desaprovado (APA, 2002; Campbell et al., 2009; Hunter, Buckner & Schmidt, 2009). Deste modo, tende a centrar a sua atenção em si mesmo, o que interfere com o processamento normal de informação em interações sociais. Isto pode levar a enviesamentos de atenção e interpretação resultando em hipervigilância à ameaça social e emoções negativas (Leber et. al., 2009 cit. in Arrais et. al., 2010; Sousa et al., 2010; Horley et al., 2004). Por exemplo, a ameaça pode ser percebida como um sinal de desaprovação e rejeição, e provocar ansiedade em pessoas

para quem a aprovação é importante (Staugaard, 2010), como é o caso nos ansiosos sociais. Investigações realizadas com o objectivo de perceber a relação existente entre indivíduos socialmente ansiosos e a maneira como processam características sociais e emocionais em faces demonstram que existe um padrão de hipervigilância/evitamento. Padrão esse que apresenta uma maior atenção para os estímulos de emoções negativas, como rostos revoltados e zangados (Sousa et al., 2006; cit. in Sousa et al., 2010) seguido de evitamento dos estímulos aversivos (Horley et al., 2003; cit. in Sousa et al., 2010), ou seja, numa fase inicial os indivíduos socialmente ansiosos apresentam uma atenção reforçada para estímulos negativos e, em seguida, evitam os estímulos aversivos. que de certa forma lhe poderão causar desconforto.

Todavia, a literatura não parece unânime ou consensual quanto a estes resultados e as opiniões dos diversos autores que realizaram investigações nesta área dividem-se. Por um lado, há autores que consideram que, tendo em consideração um estudo em que foram utilizados tempos de reacção para o processamento de expressões faciais, os indivíduos socialmente ansiosos revelam tempos de reacção mais lentos no processamento de expressões faciais positivas e respostas mais rápidas no processamento de expressões faciais negativas (Silvia et al., 2006; Clark & McManus, 2002). Alguns autores corroboram esta ideia, afirmando que os indivíduos socialmente ansiosos apresentam uma maior exactidão para o processamento de expressões faciais de emoções negativas e, erroneamente, julgamentos de expressões faciais positivas como mais negativas, ou seja, avaliam as faces como sendo mais negativas do que na realidade possam vir a ser (Winton et al., 1995; Lundh & Ost, 1996; Veljaca & Rapee, 1998; Mohlman et al., 2007; Yoon & Zinbarg, 2007, 2008; cit. in Arrais et. al., 2010). Hunter et al. (2009; cit. in Arrais et. al., 2010) relataram que indivíduos socialmente ansiosos têm maior precisão no reconhecimento de expressões faciais em geral, independentemente da sua valência emocional.

Para Beaton et al. (2010) estes indivíduos processam expressões faciais de medo mais rapidamente que outras expressões. Campbell et al. (2009) considera que as expressões faciais de raiva são detectadas mais facilmente entre expressões de faces neutras do que uma expressão facial de alegria, ou seja, indivíduos socialmente ansiosos apresentam um enviesamento no processamento de expressões faciais positivas (Campbell et al., 2009; Kessler et al., 2007; Silvia et al., 2006) no sentido de um processamento

diminuído. Mais, os indivíduos socialmente ansiosos parecem ser ainda mais rápidos na detecção de expressões faciais de raiva do que os indivíduos sem ansiedade social (Aronoff et al., 1988; cit. in Sousa et al., 2010). Este facto pode estar relacionado com a tendência aumentada de hipervigilância para a ameaça presente nestes indivíduos, ou seja, a tendência a direccionar a atenção, preferencialmente, para estímulos ameaçadores (Bar-Haim, Lamy, Pergamin, Bakermans-Kranenburg, & van Ijzendoorn, 2007; Öhman, 2005; cit. in Helfinstein et al., 2008; Horley et al., 2004) em comparação a estímulos neutros ou positivos (Mogg and Bradley, 1998; Mogg and Bradley, 2002; cit. in Rossignol et al., 2007).

Já, para outros autores não existem evidências que sugiram algum tipo de enviesamento no processamento de expressões faciais em indivíduos socialmente ansiosos (Clark, Siddle & Bond, 1992; Dimberg, 1997; Dimberg & Christmanson, 1991; Dimberg, Frederikson & Lundquist, 1986; Merckelbach, van Hout, van den Hout & Mersch, 1989; cit. in Melfsen & Florin, 2002; Philippot & Douilliez 2005; cit. in Arrais et. al., 2010).

No que diz respeito ao processamento de expressões faciais em crianças sabe-se que desde a infância, as crianças examinam o rosto dos seus cuidadores a fim de entender melhor o seu ambiente, pois é através das expressões faciais e linguagem corporal que muitas subtilidades sociais são comunicadas. A maioria das crianças começam a identificar rostos alegres na pré-escola, porém não desenvolvem o reconhecimento de expressões faciais de estímulos de medo antes dos 10 anos de idade (Philippot & Feldman, 1990; cit. in Ale et al., 2010). Para Simonian et al. (2001) e Melfsen & Florin (2002) crianças com ansiedade social, possuem maiores dificuldades em julgar com precisão emoções positivas, emoções negativas e emoções neutras.

Deste modo, como temos vindo a verificar, a compreensão do processamento de expressões faciais é fundamental, uma vez que a face humana revela variadas informações sobre uma pessoa (Bruce & Young, 1986). Por exemplo, ao olharmos para o rosto de alguém podemos dizer se é jovem ou idoso, homem ou mulher, qual o estado emocional da pessoa e ainda qual a reacção dessa pessoa à nossa presença (Santos, 2003). Assim, o rosto é um veículo fundamental de informação para diferentes aspectos da interacção social. De facto, o desenvolvimento de relações interpessoais ajustadas deve-se, em grande parte, à capacidade dos indivíduos identificarem e interpretarem correctamente as expressões faciais. Estas expressões faciais não são apenas sinais de estados emocionais como também

influenciam a produção e regulação de estados afectivos e comportamentais (Bell et al., 2011).

Apesar do rosto humano transmitir informações sobre uma pessoa que podem ser interpretadas de forma objectiva (idade, sexo, identidade) a cara pode transmitir, igualmente, informações de natureza mais social levando a que, frequentemente, as pessoas façam julgamentos acerca da personalidade baseados apenas na aparência facial. Evidências sugerem que no processamento de faces as características podem ser directamente inferidas com base em certas características físicas, podendo gerar determinados juízos sociais (Santos, 2003). De acordo com a literatura, uma das hipóteses apontadas sobre a inferência de características sociais com base nas faces é que, provavelmente, envolvem esteriótipos e, que os julgamentos são baseados em inferências a partir da percepção de outras características. Por exemplo, Dion et al. (1972; cit. in Santos, 2003; Verhulst, Lodge & Lavine, 2010), sugere que a atractividade pode aparecer como um possível medidor para outros julgamentos, isto é, indivíduos mais atraentes tendem a ser julgados de forma mais positiva em outras características. Este tipo de inferências está relacionado com o esteriótipo do que “o que é bonito é bom”, que considera que as pessoas cujos rostos são julgados como mais atraentes são também percebidas como tendo traços mais desejáveis e, por conseguinte, são tratadas em conformidade com estes julgamentos. Bull & Rumsey (1988; cit. in Santos, 2003) fortalecem esta ideia afirmando que a atractividade física parece influenciar o modo como as pessoas são percebidas em muitos outros aspectos de suas vidas.

O processamento de características sociais e emocionais em faces é essencial para que exista uma comunicação eficaz e é uma componente importante de compreensão social, em geral. Por outro lado, a incapacidade de precisão no julgamento destas características afectam negativamente a qualidade das relações interpessoais (Simonian, Beidel, Turner, Berkes & Long, 2001). Fairchild, Goozen, Calder, Stollery & Goodyer (2009) fortalecem esta ideia afirmando que o reconhecimento destas características faciais auxilia a compreensão dos sentimentos e das intenções dos outros.

Assim sendo, podemos apontar como objectivo primordial do nosso trabalho investigar se os adolescentes com ansiedade social possuem enviesamentos no processamento de características sociais e emocionais em faces, que poderão estar associadas aos seus défices interpessoais. A literatura sugere-nos que os adolescentes

socialmente ansiosos comparam-se com os outros de forma mais negativa, o que poderá associar-se ao comportamento defensivo, submisso ou de qualquer outra forma socialmente ineficaz, influenciando a qualidade percebida da relação com os pares (Vagos, 2011). Tal poderá traduzir-se numa representação dos outros, à priori, como julgadores e/ou superiores, percebendo, desta forma, a autoridade, dominância e ameaça com maior intensidade. Do mesmo modo, expressões emocionais neutras poderão vir a ser percebidas como mais negativas, levando a julgamentos incorrectos acerca do outro.

Por outro lado, será importante perceber a influência que têm as diferentes fases da adolescência no processamento de características sociais e expressões emocionais em faces, o que também constitui um objectivo inovador deste trabalho.

## METODOLOGIA

---

### Participantes

O presente trabalho fez uso de duas amostras, no cumprimento de dois objectivos: a selecção de estímulos para avaliação de características sociais em faces e a recolha de dados para a análise das hipóteses em estudo.

Para a selecção dos estímulos, a amostra foi constituída por 72 adolescentes do 7º e 8º ano de escolaridade, da Escola Básica 2º e 3º Ciclo Dr. João Rocha Pai.

Para a recolha de dados, a amostra foi constituída por 135 adolescentes, sendo 59% do sexo feminino ( $n = 79$ ) e 41% do sexo masculino ( $n = 56$ ), inseridos em três fases distintas da adolescência: adolescência inicial (5º e 6º ano de escolaridade), adolescência intermédia (9º ano de escolaridade) e adolescência tardia (12º ano de escolaridade), da Escola Básica 2º e 3º Ciclo Dr. João Rocha Pai, situada em Vagos, e da Escola Secundária de Vagos.

O primeiro grupo, adolescência inicial, foi constituído por 67 adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos ( $M = 10.76$ ;  $DP = 0.70$ ), sendo 63% do sexo feminino ( $n = 42$ ) e 37% do sexo masculino ( $n = 25$ ). O segundo grupo, referente à adolescência intermédia, foi constituído por 50 adolescentes, 52% do sexo feminino ( $n = 26$ ) e 48% do sexo masculino ( $n = 24$ ), com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos ( $M = 14.66$ ;  $DP = 0.75$ ). Por último, a adolescência tardia ou terceiro grupo foi constituído por 18 adolescentes, dos quais 61% são do sexo feminino ( $n = 11$ ) e 39% do sexo masculino ( $n = 7$ ). A idade deste grupo variou entre 17 e os 20 anos ( $M = 17.83$ ;  $DP = 1.76$ ).

### Materiais

Numa fase preliminar e com o objectivo de seleccionar e agrupar os estímulos para a tarefa de percepção de características sociais em faces, utilizaram-se 120 fotografias masculinas e 120 fotografias femininas com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos de idade, com expressões neutras e numa posição frontal. Estas fotografias foram retiradas das seguintes bases de dados: base de dados de estímulos faciais do Instituto Karolinska (Lundqvist, Flykt & Öhman, 1998); base de dados de faces e pessoas da Universidade de Texas em Dallas (O'Toole et al., 2005); the CMU Pose, Illumination, and Expression (PIE)



database e Psychological Image Collection at Stirling (PICS), foram editadas no programa *Adobe Photoshop CS4 Extended* de modo a que possuissem as mesmas dimensões e a mesma escala de cinzentos, eliminando o ambiente de fundo que foi substituído por um fundo cinzento.

Cada face foi avaliada em cinco características sociais (Autoridade, Dominância, Ameaça, Acessibilidade e Afectuosidade) numa escala de *Likert* de 1 a 7, em que o 1 equivalia a pouco e o 7 a muito. Posteriormente, foram seleccionadas as 2 fotografias de faces masculinas com classificações médias mais baixas e as 2 fotografias de faces masculinas com as classificações médias mais elevadas, para cada característica social. O mesmo foi feito para as fotografias de faces femininas, totalizando 8 fotografias de faces para cada característica social estudada.

Para o caso das emoções (Nojo, Alegria, Raiva, Medo e Tristeza) e uma vez que já existe uma base de dados estandardizada Ekman & Friesen (1976) as faces não passaram pelo processo de pré-selecção. Neste caso, foram seleccionadas quatro caras masculinas e quatro caras femininas que posteriormente foram avaliadas segundo a mesma escala de *Likert* de 1 a 7, em que o 1 equivalia ao pouco e o 7 a muito, em termos do grau de expressão por cada cara.

O protocolo de Investigação para a recolha de dados foi composto por 1) folha de rosto, 2) folha de resposta para a avaliação de características sociais em faces; 3) folha de resposta para a avaliação de emoções em faces; 4) Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes - EAESSA e 5) Escala de Crenças e Pensamentos Sociais – ECPS (anexo 1).

Na folha de rosto eram solicitados dados demográficos (idade, sexo, ano de escolaridade e data de nascimento) e eram apresentados os objectivos do estudo, bem como era garantido o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. Particularmente, cada escala/questionário possuía instruções específicas de preenchimento, tendo sido esclarecida qualquer dúvida.

As folhas de resposta, quer para as características sociais quer para as expressões emocionais, continham quarenta linhas de resposta. Aos participantes era solicitado que indicassem qual a característica social ou emoção avaliada. Em cada linha de resposta estava presente a escala de *Likert* utilizada (1 pouco e 7 muito), possibilitando aos participantes uma maior facilidade de resposta.

A EAESSA (Cunha, 2005) tem como finalidade avaliar o afecto e comportamento inerente à ansiedade social em adolescentes. Esta escala é composta por 34 itens, divididos em 6 subescalas: 1) interacção com o sexo oposto, relativa a situações de relacionamento com o sexo oposto; 2) interacção assertiva, referente a situações que impliquem competências assertivas e de auto-expressão; 3) observação por outros, alusiva a situações de desempenho público; 4) interacção em situações sociais novas, respeitante a situações de realização de tarefas novas ou pouco habituais; 5) desempenho em situações sociais formais, referente a situações de avaliação em contexto escolar; e 6) comer e beber em público. Estas medidas obtiveram índices adequados de consistência interna, avaliados pelo valor do *alpha de Cronbach*. Assim, na dimensão de ansiedade, a subescala 1 apresentou um *alpha de Cronbach* de 0.86; a subescala 2, 0.80; a subescala 3, 0.67; a subescala 4, 0.83; a subescala 5, 0.78; e na subescala 6 foi de 0.55. Nesta última escala, a exclusão do item 10 permitia aumentar o valor de consistência interna para 0.70 pelo que se optou pela sua exclusão para as análises subsequentes. Na dimensão de evitamento os valores de *alpha de Cronbach* obtidos foram: para a subescala 1, 0.86; para subescala 2, 0.89; para a subescala 3, 0.89; para a subescala 4, 0.89; na subescala 5, 0.88; e, na subescala 6, 0.90.

Considerando as seis subescalas das duas dimensões avaliadas pela EAESSA, os resultados de curtose e assimetria variam entre -0.33 e 3.01 e entre 0.01 e 1.50, respectivamente, indicando-nos que apenas a subescala 1, a subescala 2 (em ambas as dimensões), a subescala 4 e 5 (na dimensão de ansiedade) se aproximam da distribuição normal.

A ECPS (Vagos & Pereira, 2010) tem como finalidade avaliar a cognição inerente à ansiedade social e é composta por 21 itens, distribuídos em duas subescalas: 1) desconforto na interacção social, referente a pensamentos negativos acerca de situações de interacção ou contacto recíproco, e 2) desconforto no desempenho público, respeitante a pensamentos negativos sobre eventos sociais em que se está a ser observado. Este instrumento apresentou índices de consistência interna adequados, sendo o *alpha de Cronbach* de 0.89 para a subescala 1, de 0.79 para a subescala 2. Os valores de curtose são de -0.70 e -1.04 e os de assimetria são de 0.48 e 0.55, para as subescalas 1 e 2 respectivamente, o que indica que os resultados se aproximam da distribuição normal.

## Procedimentos

O protocolo de instrumentos a ser aplicado neste trabalho de investigação foi submetido a uma avaliação e autorização da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), bem como dos conselhos executivos de ambas as escolas, que aceitaram participar, disponibilizando toda a colaboração necessária na aplicação das tarefas. Além disso, foi entregue a cada encarregado de educação uma autorização de participação para o seu educando.

Antes de dar início à tarefa realizou-se uma clarificação dos objectivos principais do estudo com a garantia de confidencialidade e anonimato dos participantes.

Na fase de recolha de dados, as 8 fotografias (4 masculinas e 4 femininas) de faces seleccionadas anteriormente foram avaliadas nas respectivas características sociais, utilizando a mesma escala de *Likert*. Foram também avaliadas 8 fotografias de faces em cinco emoções (alegria, tristeza, nojo, raiva e medo) numa escala de *Likert* de 1 a 7, em que o 1 equivalia a pouco e o 7 a muito, relativamente ao grau de emoção expressado. Para a apresentação das faces, tanto na fase preliminar como na fase de recolha de dados, foi utilizado o programa E-Prime, possibilitando a apresentação temporizada dos estímulos. Na fase preliminar, cada face foi apresentada durante 5 segundos e disponibilizados 10 segundos para responder. Na fase de recolha de dados, cada face foi apresentada durante 5 segundos e disponibilizados 5 segundos para responder, uma vez que verificámos que este tempo seria suficiente para dar uma resposta, evitando assim alguma desmotivação e cansaço durante a realização da tarefa.

O tempo necessário para a realização da tarefa dependeu do tempo que cada participante necessitou para a concluir, rondando em médias os 70 minutos.

Quer a tarefa apresentada na fase preliminar quer a tarefa apresentada na fase de recolha de dados foram aplicadas em grupo, em contexto sala de aula, com o apoio de um computador próprio e de um projector disponibilizado pela escola.

Ambas as escolas disponibilizaram aulas de Estudo Acompanhado e Área de Projecto com uma duração de 90 minutos, de forma a possibilitar o cumprimento total da tarefa. De forma a controlar possíveis contaminações de resposta no protocolo de questionários, foram criadas diferentes ordens de apresentação dos instrumentos, assim como, a apresentação aleatória dos estímulos.

Após a conclusão do período de recolha de dados, as análises estatísticas foram efectuadas através do programa Statistical Package for Social Sciences (SPSS, versão 20.0 para Mac).

## RESULTADOS

Seguidamente, iremos apresentar os resultados encontrados no nosso trabalho de investigação. Contudo, convém salientar o facto de apenas incluirmos aqui - por uma questão de parcimónia, os resultados que atingiram significância estatística ( $p < 0.05$ ), no que se refere a associações entre os diferentes instrumentos de avaliação da ansiedade social e as avaliações feitas das caras nas tarefas de julgamento de características sociais e expressões emocionais. As análises apresentam-se também divididas entre a amostra total e os dados referentes a cada uma das fases da adolescência em estudo.

### Amostra Total

Tendo em consideração uma análise de dados referentes à amostra total do nosso estudo, as correlações significativas encontradas podem visualizar-se na tabela 1. Como podemos observar, a percepção de ameaça surge associada às diferentes medidas de ansiedade social. De facto, quanto maior o número de pensamentos negativos acerca de situações de interacção bem como o número de pensamentos negativos sobre eventos sociais em que se está a ser observado, maior a percepção de ameaça com base na aparência facial. Quando temos em consideração a interacção em tarefas novas ou pouco habituais, também, a percepção de ameaça é exarcebada, tanto para a escala de ansiedade como para a escala de evitamento. Neste último caso, além da percepção de maior ameaça, também se verifica uma percepção de níveis mais elevados de dominância nas caras observadas.

Não foram encontradas correlações significativas entre as medidas de ansiedade social e a percepção de expressões emocionais em faces.

**Tabela 1. Correlações significativas entre a percepção de características sociais e as medidas de ansiedade social para a amostra total.**

	Dominância	Ameaça
<b>Pensamentos e Crenças Sociais</b>		
desconforto na interacção social		.209*
desconforto no desempenho público		.171*
<b>Ansiedade de Situações Sociais</b>		
interacção em situações sociais novas		.174*
<b>Evitamento de Situações Sociais</b>		
interacção em situações sociais novas	.225**	.188*

N = 135; \* correlação significativa a 0.05; \*\* correlação significativa a 0.01.

### Adolescência Inicial

Os adolescentes com idades compreendidas entre os 10 aos 14 anos apresentaram apenas uma correlação significativa entre os instrumentos de avaliação e a tarefa de reconhecimento de expressões faciais. Para estes adolescentes, quantos mais pensamentos negativos possuir, tendo em conta eventos sociais em que possa estar a ser observado, menor a percepção de medo avaliada nas expressões faciais ( $r = -0.29$ ;  $p < 0.05$ ).

Neste grupo em particular, não foram encontradas correlações entre as medidas de ansiedade social e a percepção de características sociais em faces.

### Adolescência Intermédia

No caso da adolescência intermédia, para as características sociais encontrou-se apenas uma correlação negativa significativa entre o evitamento de situações em que ocorre uma avaliação em contexto escolar e a percepção de acessibilidade, ou seja, quanto maior o evitamento demonstrado pelos adolescentes nestas situações de avaliação, menor a percepção de acessibilidade nas faces ( $r = -0.30$ ;  $p < 0.05$ ).

Para a percepção de emoções em faces, como podemos ver na tabela 2 a percepção de nojo está correlacionado com algumas das sub-escalas em análise. Quanto mais pensamentos acerca de situações em que ocorre uma interação ou contacto com outro, menor o grau de nojo que os adolescentes interpretam nas faces. O mesmo acontece quando estão perante situações que impliquem competências assertivas e de auto-expressão, em situações de desempenho público e em situações em que se está exposto a terceiros, como é o caso de comer e beber em público.

**Tabela 2. Correlações significativas entre a percepção de emoções e as medidas de ansiedade social para a adolescência intermédia.**

	Nojo
<b>Pensamentos e Crenças Sociais</b>	
desconforto na interação social	-.286*
<b>Ansiedade de Situações Sociais</b>	
interação assertiva	-.340*
observação por outros	-.479**
comer e beber em público	-.345*

$n = 50$ ; \* correlação significativa a 0.05; \*\* correlação significativa a 0.01.

### Adolescência Tardia

Finalmente, considerando a fase da adolescência tardia, os resultados obtidos para as características sociais podem observar-se na tabela 3. Quanto maior a ansiedade presente em situações em que sejam realizadas tarefas novas ou pouco habituais, maior a percepção de ameaça nas faces. Por outro lado, quanto maior a ansiedade em situações em que se está exposto a terceiros, maior a percepção de dominância. Por último, quanto maior o evitamento de situações em que seja necessário o uso de competências assertivas e de auto-expressão e maior o evitamento em situações de avaliação em contexto escolar, maior a percepção de afectuosidade.

**Tabela 3. Correlações significativas entre a percepção de características sociais e as medidas de ansiedade social para a adolescência tardia.**

	Dominância	Ameaça	Afectuosidade
<b>Ansiedade de Situações Sociais</b>			
interacção em situações sociais novas		.511*	
comer e beber em público	.471*		
<b>Evitamento de Situações Sociais</b>			
interacção assertiva			.589*
desempenho em situações sociais formais			.585*

n = 18; \* correlação significativa a 0.05.

Para as emoções, somente a percepção de raiva aparece correlacionada com o evitamento de situações de avaliação em contexto escolar, sugerindo que quanto maior for o evitamento deste tipo de situações, maior a percepção de raiva nas faces ( $r = -0.54$ ;  $p < 0.05$ ).

## DISCUSSÃO

---

O objectivo do presente estudo foi testar se os adolescentes com ansiedade social apresentam algum enviesamento no processamento de características sociais e emocionais em faces. Uma vez que adolescentes com psicopatologia, em geral, podem possuir um processamento de expressões faciais comprometido (Geller et al., 2000; Ginsburg, La Greca, & Silverman, 1998; Maedgen & Carlson, 2000; Rudolph, Hammen, & Burge, 1994; cit. in in Guyer et al., 2007), torna-se pertinente conhecer papel da ansiedade social em particular neste processamento.

Os resultados para a amostra total sugerem que a ameaça aparece como a característica social mais evidenciada nos nossos resultados, o que significa que os adolescentes da nossa amostra quando face a pensamentos negativos sobre situações que impliquem uma interacção social ser observados por outros, percebem maior ameaça na expressão facial. Neste ponto, a literatura aponta que as crenças desenvolvidas por indivíduos socialmente ansiosos podem actuar como mediadores entre os estilos parentais e a tendência destes indivíduos para interpretar as situações sociais como uma ameaça. Aos estilos parentais mais flexíveis que estimulam a autonomia, independência, conhecimento, partilha e expressão de afecto mútuo está associado um menor nível de ansiedade e maior prática de respostas assertivas em situações sociais. Contrariamente, estilos parentais onde as regras e papéis estejam pouco claros dentro do seio familiar associam-se a maior ansiedade nas relações interpessoais (Faria, 2008; Vagos, 2011). A tendência para a percepção de ameaça parece favorecer a manutenção da ansiedade, sendo que, consequentemente, os indivíduos socialmente ansiosos vivenciam o mundo como mais ameaçador (Vasey, El-Hag & Daleiden, 1996; cit. in in Melfsen & Florin, 2002).

No caso da adolescência inicial, como referido anteriormente, apenas obtivemos uma correlação negativa entre o desconforto no desempenho público e a expressão facial de medo, o que nos sugere que quantos mais pensamentos negativos em situações em que possa estar a ser observado, menos o medo é percebido na expressão facial do outro. Este resultado vai contra a literatura existente que sugere que na adolescência inicial existe um medo cognitivo acentuado de se ser avaliado de forma negativa pelos outros, ao ler em voz alta para o resto da turma, ao ter que realizar uma determinada actividade física, ao iniciar uma conversa, entre outras (Vagos, 2011). É nesta fase da adolescência que ocorrem



mudanças a nível escolar (normalmente, da escola primária para a escola básica) relacionado, muitas vezes, com novos amigos e um ambiente maior, fazendo com que os adolescentes mais novos afirmem possuir mais medos e mais desconforto nas novas situações. Para este resultado não foi encontrada uma justificação, tornando-se assim interessante aprofundá-lo em futuras investigações.

Na adolescência intermédia, os resultados obtidos indicam-nos que existe uma menor percepção de nojo quando associado a pensamentos negativos em situações de interacção; na ansiedade evidenciada em situações que impliquem o uso de competências assertivas, situações de desempenho público e situações em que está exposto a terceiros, ou seja, a percepção de nojo é menor quando os adolescentes estão perante situações de interacção assertiva, observação por outros e comer e beber em público bem como a pensamentos negativos em situações de interacção. No caso de um maior evitamento de situações de avaliação escolar, menor acessibilidade é percebida nas faces. Manfro et al. (2003) admitem que a ansiedade social é pautada pelo medo de ser examinado e avaliado negativamente pelos outros em situações sociais novas ou no seu desempenho. Beidel et al., (2007) consideram que o medo e o evitamento social adquirem um padrão mais incidente à medida que passamos da adolescência inicial para a adolescência tardia. Contudo não existem justificação para o facto da ansiedade social evidenciada nestas situações estar relacionada com uma menor percepção de nojo.

Por último, na adolescência tardia, apenas foram encontrados resultados significativos na avaliação de situações sociais quer na dimensão de ansiedade social quer na dimensão de evitamento. Assim, a ansiedade activada em situações em que seja necessário a realização de tarefas novas, associa-se a maior ameaça percebida nos outros e em situações em que se esteja exposto a terceiros, maior dominância é percebida. Por outro lado, quanto maior o evitamento de situações que impliquem o uso de interacção assertiva e situações de avaliação escolar, maior afectuosidade é percebida. Neste último tipo de situações, além de ser percebida maior afectuosidade, também é percebida maior raiva nas expressões faciais. Podemos inferir que ao evitarmos estas situações não vamos estar directamente expostas à avaliação negativa do outro e, consequentemente, as suas expressões parecerão mais afectuosas.

Outra questão que devemos ter em atenção na explicação dos resultados é o facto de, muitas vezes, as características sociais serem inferidas com base em estereótipos, baseados

em características físicas ou outras como idade, sexo ou atractividade, em que o que é bonito é bom. Por exemplo, para Feingolds (1992, cit. in Santos, 2003), as pessoas fisicamente atraentes são percebidos como mais sociáveis, dominantes, mentalmente saudáveis e socialmente habilidosas.

Em suma, tendo em consideração a avaliação dos pensamentos negativos acerca da interacção social e desempenho público, verificamos que associados aos pensamentos negativos relativos a situações de interacção, maior ameaça, menor medo e menor nojo são percebidos nos outros. Aos pensamentos negativos alusivos a acontecimentos sociais em que possa estar a ser observado por terceiros, mais ameaça é percebida no outro. Este resultado vem de encontro ao esperado, uma vez que a ameaça é sinal de perigo para o próprio a que o sujeito com ansiedade social está atento, enquanto que o outro é visto como alguém superior, competente e poderoso, que portanto não sentirá medo.

Estes resultados podem, ainda, ser explicados à luz da cognição social, presente nos indivíduos socialmente ansiosos. Os indivíduos socialmente ansiosos acreditam que provavelmente terão um mau desempenho social, atribuindo o fracasso social à própria falta de competência e de desejabilidade social (Glass & Furlong, 1990; Stopa & Clark, 1993; cit. in Vagos, 2011). Além disso, a activação de crenças ou esquemas cognitivos pode influenciar no processamento de informação social, uma vez que pode gerar uma imagem excessivamente negativa das situações sociais (Clark & McManus, 2002). Neste sentido, estudos realizados têm comprovado que os indivíduos socialmente ansiosos tendem a interpretar eventos ambíguos especificamente de natureza social e relativos a si próprio de forma mais negativa (Amin, Foa, & Coles, 1998; Huppert, Foa, Furr, Filip, & Mathews, 2003; Voncken, 2006). Este facto, poderá influenciar a forma como avaliam os outros, ou seja, é de esperar que ocorram o mesmo tipo de enviesamentos quando as atribuições são feitas com base na aparência facial.

No que diz respeito às limitações do nosso trabalho julgamos ser importante mencionar algumas que possam elucidar necessidades de investigação futuras. Em primeiro lugar, devemos ter em atenção que a amostra utilizada apenas inclui alunos de duas escolas do concelho de Vagos, pelo que a sua generalização deverá ser apreensivamente considerada. Tal como declara McGrath (1984), dificilmente é possível conciliar os três objectivos principais que toda a investigação científica ambiciona: a generalidade, o rigor e a relevância social, sendo que na melhor das hipóteses acabamos

por sacrificar um desses objectivos em prol dos dois restantes. Seria importante que estudos futuros possuissem uma amostra mais representativa dos sujeitos, como forma de poder ser feita uma generalização dos resultados. Se fossem abrangidas pessoas das várias áreas do território nacional seria possível uma visão mais real desta situação.

Igualmente importante, é a possibilidade das faces que utilizamos no nosso estudo terem sido considerados estímulos ligeiramente ambíguos, tornando possível uma má interpretação dos mesmos. Ainda será de considerar a natureza não clínica da nossa amostra, que poderá ter minimizado os resultados encontrados; à população clínica com fobia social estão associados enviesamentos mais marcados no processamento de informação social.

No entanto, o nosso trabalho apresentou, também, alguns aspectos originais e positivos. Conseguimos trabalhar a temática do processamento facial tanto para as características sociais como para as emoções. Além disso, conseguimos aplicar o nosso estudo a adolescentes de várias faixas etárias, possibilitando uma análise dos resultados por diferentes fases da adolescência (adolescência inicial, adolescência intermédia e adolescência tardia). Desta forma, acreditamos que o presente trabalho tenha contribuído para o aprofundamento de algumas informações relativas a esta área de estudo, bem como, o surgimento de novas questões que poderão vir a ser estudadas futuramente.

## CONCLUSÃO

---

Com o presente trabalho pretendeu-se analisar a relação entre a percepção de características sociais e emocionais em faces e a ansiedade social nos adolescentes. As conclusões encontradas são consistentes e significativas, mas uma amostra maior contribuiria para aumentar a confiança na generalização dos resultados.

Embora a questão do reconhecimento de expressões faciais não seja consensual entre os diversos autores que se debruçam sobre o seu estudo, facto é que obtivemos resultados significativos que comprovam a existência de um enviesamento neste mesmo processamento por parte dos indivíduos socialmente ansiosos, isto é, os nossos resultados indicam que a maior percepção de ameaça é constante, principalmente associada aos pensamentos, que segundo o modelo cognitivo para a ansiedade social são a base dos posteriores enviesamentos e défices comportamentais/interpessoais nos indivíduos socialmente ansiosos. Assim, julga-se prudente recomendar a inclusão de um treino formalizado de processamento de expressões faciais em programas de treino de competências sociais para crianças com este tipo de problemáticas, como é o caso da ansiedade social (Ale, Chorney, Brice & Morris, 2010; Simonian, Beidel, Turner, Berkes & Long, 2001). Dado o importante papel da face nas interações sociais, perceber como o sujeito é capaz de extrair e inferir informações sociais disponíveis a partir das expressões faciais é uma tarefa importante.

Em jeito de conclusão, apesar das limitações apontadas, é possível que este trabalho de investigação contribua positivamente para a compreensão da percepção de expressões faciais pelos jovens com diferentes níveis de ansiedade social. Embora os estudos realizados até à data revelem importantes contribuições, algumas questões ainda precisam ser respondidas. Evidências importantes podem ser esperadas de investigações que envolvam amostras de indivíduos fobicos sociais. Perspectivas futuras na área incluem a possibilidade de desenvolver métodos eficientes de tratamento, possibilitando um maior alívio aos pacientes. Assim sendo, acreditamos que com o presente trabalho de investigação tenhamos aberto vários caminhos que podem ser seguidos em investigações futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Ale, C., Chorney, D., Brice, C. & Morris, T. (2010). Facial affect recognition and social anxiety in preschool children. *Early Child Development and Care*, 180 (10), 1349-1359.
- American Psychological Association (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das doenças mentais (DSM-IV-R)*. Lisboa: Climpesi.
- Arrais, K., Machado-de-Sousa, J., Trzesniak, C., Filho, A., Ferrari, M., Osório, F., Loureiro, S., Nardi, A., Hetem, L., Zuardi, A., Hallak, J. & Crippa, J. (2010). Social anxiety disorder women easily recognize fearful, sad and happy faces: The influence of gender. *Journal of Psychiatric Research*, 44, 535-540.
- Beaton, E. A., Schmidt, L. A., Schulkin, J. & Hall, G. B. (2010). Neural correlates of implicit processing of facial emotions in shy adults. *Personality and Individual Differences*, 49, 755-761.
- Bell, C., Bourke, C., Colhoun, H., Carter, F., Frampton, C. & Porter, R. (2011). The misclassification of facial expressions in generalised social phobia. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 278-283.
- Bruce, V. & Young, A. (1986). Understanding face recognition. *British Journal of Psychology*, 77, 305-327.
- Campbell, D. W., Sareen, J., Stein, M.B., Kravetsky, L. B., Paulus, M. P., Hassard, S. T. & Reiss, J. P. (2009). Happy but not so approachable: The social judgments of individuals with generalized social phobia. *Depression and Anxiety*, 26, 419-424.
- Castilho, A., Recondo, R., Asbahr, F. & Manfro, G. (2002). Transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22 (2), 20-23.
- Clark, D. & McManus, F. (2002). Information processing in social phobia. *Biological Psychiatry*, 51, 92-100.
- Cunha, M. (2005). *Ansiedade social na adolescência: Avaliação e trajetórias de desenvolvimento* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cunha, M. (2006). Ansiedade e perturbações de ansiedade na infância e na adolescência: uma revisão teórica. *Interações*, 10, 70-97.

- Ekman, P. & Friesen, W. V. (1976). *Pictures of facial affect*. Pablo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Fairchild, G., Goozen, S., Calder, A., Stollery, S. & Goodyer, I. (2009). Deficits in facial expression recognition in male adolescents with early-onset or adolescence onset conduct disorder. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50 (5), 627-636.
- Faria, C. (2008). *Vinculação e desenvolvimento epistemológico em jovens adultos*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Universidade do Minho, Minho.
- Guyer, A., McClure, E., Adler, A., Brotman, M., Rich, B., Kimes, A., Pine, D., Ernst, M. & Leibenluft, E. (2007). Specificity of facial expression labeling deficits in childhood psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48 (9), 863-871.
- Helfinstein, S. M., White, L. K., Bar-Haim, Y. & Fox, N. A. (2008). Affective primes suppress attention bias to threat in socially anxious individuals. *Behaviour Research and Therapy*, 46 (7), 799-810.
- Horley, K., Williams, L., Gonsalvez, G. & Gordon, E. (2004). Face to face: Visual scanpath evidence for abnormal processing of facial expressions in social phobia. *Psychiatry Research*, 127, 43-53.
- Hunter, L, Buckner, J. & Schmidt, N. (2009). Interpreting facial expressions: The influence of social anxiety, emotional valence, and race. *Journal of Anxiety Disorders*, 23, 482-488.
- Isolan, L., Pheula, G. & Manfro, G. (2007). Tratamento do transtorno de ansiedade social em crianças e adolescentes. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (3), 125-132.
- Lundqvist, D., Flykt, A., & Öhman, A. (1998). The Karolinska Directed Emotional Faces - KDEF, CD ROM from Department of Clinical Neuroscience, Psychology section, Karolinska Institutet, ISBN 91-630-7164-9.
- Manfro, G., Isolan, L., Blaya, C., Maltz, S., Heldt, E. & Pollack, M. (2003). Relationship between adult social phobia and childhood anxiety. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 25 (2), 96-99.
- McGrath, J.E. (1984). *Groups: Interactions and performance*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Melfsen, S. & Florin, I. (2002). Do socially anxious children show deficits in classifying facial expressions of emotions? *Journal of Nonverbal Behavior*, 26, 109-126.

- Osório, F., Crippa, J. & Loureiro, S. (2005). Instrumentos de avaliação do transtorno de ansiedade social. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32, 73-83.
- O'Toole, A. J., Harms, J., Snow, S. L., Hurst, D. R., Pappas, M. R., Ayyad, J. H., & Abdi, H. (2005). A video database of moving faces and people. *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence*, 27 (5), 812-816.
- Pinto-Gouveia, J. (2000). *Ansiedade social: Da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pinto-Gouveia, J., Catilho, P., Galhardo, A. & Cunha, M. (2006). Early maladaptive schemas and social phobia. *Cognitive Therapy and Research*, 30, 571-584.
- Rossignol, M., Anselme, C., Vermeulen, N., Philippot, P. & Campanella, S. (2007). Categorical perception of anger and disgust facial expression is affected by non-clinical social anxiety: An ERP study. *Brain research*, 1132, 166-176.
- Santos, I. M. (2003). *Perception of Social Characteristics from Faces*. Tese de doutoramento em Psicologia. Universidade de York, Reino Unido.
- Silvia, P., Allan, W., Beauchamp, D., Maschauer, E. & Workman, J. (2006). Biased recognition of happy facial expressions in social anxiety. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 25, 585-602.
- Simonian, S., Beidel, D., Turner, S., Berkes, J. & Long, J. (2001). Recognition of facial affect by children and adolescents diagnosed with social phobia. *Child Psychiatry and Human Development*, 32 (2), 137-144.
- Sousa, J. P. M., Arrais, K. C., Alves, N. T., Chagas, M. H. N., Gaya, C. M., Crippa, J. A. S. & Hallak, J. E. C. (2010). Facial affect processing in social anxiety: Tasks and stimuli. *Journal of Neuroscience Methods*, 193, 1-6.
- Staugaard, S. R. (2010). Threatening faces and social anxiety: A literature review. *Clinical Psychology Review*, 30, 669-690.
- Vagos, P. (2011). *Ansiedade social e assertividade na adolescência*. Tese de doutoramento em Psicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Vagos, P., & Pereira, A. (2010). Escala de comportamento interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 8 (1), 37-49.
- Verhulst, B., Lodge, M. & Lavine, H. (2010). The attractiveness halo: Why some candidates are perceived more favorably than others. *Journal of nonverbal behavior*, 34 (2), 111-117.

## ANEXOS

---



## Anexo 1. Protocolo de avaliação



universidade de aveiro

**DAYANA MARQUES FEITEIRA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

Este estudo tem como objectivo estudar a relação entre ansiedade social, assertividade e enviesamentos na percepção de emoções e características sociais em caras, em adolescentes. Este trabalho de investigação é parte integrante da dissertação final para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, e está a ser realizado sob a orientação da Professora Doutora Isabel Santos e co-orientação da Professora Doutora Paula Vagos, ambas docentes na Universidade de Aveiro.

O teu contributo é fundamental para a recolha dos dados. Todos os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins de investigação. Os dados serão estritamente confidenciais e anónimos, sendo a informação recolhida exclusivamente utilizada neste projecto.

Todas as respostas deverão ser sinceras, uma vez que não há respostas certas ou erradas. Cada questionário tem instruções específicas, por favor, lê com atenção cada uma delas antes de responder.

Agradeço desde já a tua participação, salientando a importância que tem para o meu projecto de investigação. Sem a tua ajuda, não seria possível realizar este estudo. Desde já disponibilizo-me para prestar qualquer informação adicional que consideres importante.

Sexo: \_\_\_\_\_ Ano de Escolaridade: \_\_\_\_\_  
Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

## AVALIAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS SOCIAIS EM FACES

*Instrução:*

Utiliza a seguinte escala para classificar as várias caras que vais ver em seguida.

1	2	3	4	5	6	7
Pouco						Muito

	Grau de						
	1	2	3	4	5	6	7
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
	1	2	3	4	5	6	7
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
	1	2	3	4	5	6	7
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
	1	2	3	4	5	6	7
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
	1	2	3	4	5	6	7
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

## AVALIAÇÃO DE EMOÇÕES EM FACES

*Instrução:*

Utiliza a seguinte escala para classificar as várias caras que vais ver em seguida.

1	2	3	4	5	6	7
Pouco						Muito

	Grau de						
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

	Grau de						
Cara1 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 2 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 3 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 4 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 5 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 6 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 7 .....	1	2	3	4	5	6	7
Cara 8 .....	1	2	3	4	5	6	7

## ESCALA DE ANSIEDADE E EVITAMENTO DE SITUAÇÕES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES

### *Instrução:*

Segue-se uma lista de situações em que as pessoas podem sentir desconforto e mal-estar, o que pode levar ao evitamento dessas situações. Assinala o grau de desconforto ou nervosismo e o grau de evitamento que cada uma das situações assinaladas te provoca, utilizando a escala de resposta de 1 a 5, abaixo indicada.

Se nunca te confrontaste com alguma das situações apresentadas, imagina o desconforto que sentirias se tivesses de o fazer.

<b>Situações Sociais</b>	<b>Sinto-me mal, nervoso</b>	<b>Evito</b>
	1 = nada; 2 = pouco; 3 = um bocado; 4 = muito; 5 = muitíssimo	1 = nunca; 2 = às vezes; 3 = muitas vezes; 4 = grande parte das vezes; 5 = quase sempre
1. Comer em público (bar, cantina, festa, etc ...).		
2. Beber à frente de outras pessoas (bar, cantina, festa, etc ...).		
3. Ir a uma festa de um(a) colega.		
4. Ler em voz alta perante a turma.		
5. Escrever enquanto estás a ser observado.		
6. Telefonar a um(a) colega que não conheces bem.		
7. Falar com alguém que não conheces bem.		
8. Encontras-te com pessoas novas/desconhecidas.		
9. Urinar numa casa de banho pública.		
10. Num autocarro ou comboio, ficar sentado(a) de frente para outras pessoas.		
11. Expressar desacordo a um(a) colega que não conheces muito bem.		
12. Olhar directamente nos olhos de alguém que não conheces muito bem.		
13. Expressar os teus sentimentos à pessoa por quem estás interessado.		
14. Ficar sozinho(a) com um colega do sexo oposto.		
15. Desempenhar, pela primeira vez, um papel ou uma		

tarafa nova perante um colega ou grupo de colegas.		
16. Dizes “não” a um(a) colega que te pede para fazer algo que não queres.		
17. Juntares-te a um grupo de colegas onde predomina o sexo oposto.		
18. Pedir um favor a outra pessoa.		
19. Convidar alguém, pela primeira vez, para sair.		
20. Fazer um elogio a um colega do sexo oposto.		
21. Conversar com colegas do sexo oposto.		
22. Falar com colegas mais velhos(as).		
23. Pedir a um colega que mude um comportamento que te desagrada.		
24. Fazer exercícios físicos na aula de ginástica.		
25. Trocar de roupa nos balneários.		
26. Fazer uma prova oral, ou expor oralmente um trabalho.		
27. Queixares-te quando alguém tenta passar à tua frente numa fila.		
28. Ser chamado para “ir ao quadro”.		
29. Tomar a iniciativa de responder a uma questão, ou pedir um esclarecimento, numa aula ou reunião.		
30. Chegar atrasado(a) ou adiantado(a) a uma reunião ou aula.		
31. Participar numa modalidade desportiva de grupo (equipa).		
32. Atravessar o átrio, corredores ou ir ao bar quando está cheio de alunos.		
33. Participar nas festas da escola (p.e, festas de encerramento do ano lectivo, festa de natal, final de curso, baile, etc.).		
34. Responder a um colega que está a tentar gozar contigo (p.e, roupa, penteado, maneira como falas, etc.).		

Em que medida as dificuldades que identificaste têm atrapalhado a tua vida?

... na escola?  
 ... com os teus amigos?  
 ... com a tua família?

nada	pouco	um bocado	muito	muitíssimo

## ESCALA DE CRENÇAS E PENSAMENTOS SOCIAIS

### *Instrução:*

Esta é uma lista de pensamentos e crenças comuns. Usa a escala em baixo para dizer se cada uma destas frases caracteriza a tua forma de pensar quando estás ou vais estar numa situação social.

	1	2	3	4	5
	Nada característica	Raramente característica	Algumas vezes característica	Frequentemente característica	Sempre característica
1. Quando estou numa situação social, pareço desajeitado às outras pessoas ..	1	2	3	4	5
2. Se estou com um grupo de pessoas e tenho uma opinião, é provável que me acobarde e não diga o que penso .....	1	2	3	4	5
3. Sinto que as outras pessoas parecem mais inteligentes do que eu .....	1	2	3	4	5
4. Quando estou com outras pessoas não sou capaz de me defender .....	1	2	3	4	5
5. Sou um covarde no que respeita a interagir com outras pessoas .....	1	2	3	4	5
6. Sinto que não sou atractivo quando estou com outras pessoas .....	1	2	3	4	5
7. Nunca seria capaz de fazer um discurso em público .....	1	2	3	4	5
8. As outras pessoas estão mais confortáveis em situações sociais do que eu ..	1	2	3	4	5
9. As outras pessoas são mais socialmente capazes do que eu .....	1	2	3	4	5
10. Faça o que fizer, vou sempre sentir-me desconfortável em situações sociais	1	2	3	4	5
11. É muito provável que me dê uma branca quando estou a falar numa situação social .....	1	2	3	4	5
12. Não sou bom a fazer conversa de circunstância .....	1	2	3	4	5
13. As outras pessoas estão aborrecidas quando estão comigo .....	1	2	3	4	5
14. Quando estou a falar num grupo, os outros vão pensar que estou a dizer alguma coisa estúpida .....	1	2	3	4	5
15. Se estou com alguém em quem estou interessado, é provável que entre em pânico ou faça alguma coisa que me envergonhe .....	1	2	3	4	5
16. Não sei como me comportar quando estou na companhia de outros .....	1	2	3	4	5
17. Se alguma coisa corresse mal numa situação social, não seria capaz de me acalmar .....	1	2	3	4	5
18. Quando estou com outras pessoas, elas normalmente não pensam que eu sou muito esperto .....	1	2	3	4	5
19. Quando outras pessoas se estão a rir, parece que se estão a rir de mim .....	1	2	3	4	5
20. As pessoas podem ver com facilidade quando eu estou nervoso .....	1	2	3	4	5
21. Se há uma pausa na conversa, sinto como se tivesse feito alguma coisa de errado .....	1	2	3	4	5